

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

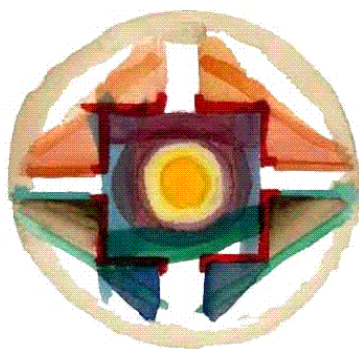
RESIDÊNCIA INTEGRADA E ESPECIALIZAÇÃO

SAÚDE MENTAL COLETIVA

EducaSaúde

Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde

Formação dos Profissionais de Saúde e Educação em Saúde Coletiva



Os encontros possíveis no campo da saúde coletiva

Janaíra Dorneles de Quadros- Assistente Social

Porto Alegre, Novembro de 2010.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

RESIDÊNCIA INTEGRADA E ESPECIALIZAÇÃO

SAÚDE MENTAL COLETIVA

EducaSaúde

Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde

Formação dos Profissionais de Saúde e Educação em Saúde Coletiva

Os encontros possíveis no campo da saúde coletiva

Janaína Dorneles de Quadros

Orientadora: Sandra Fagundes

Trabalho de Conclusão do Curso de especialização em Saúde Mental Coletiva, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, para obtenção do título de especialista em Saúde Mental Coletiva.

*Dedico este trabalho aos quatro
homens da minha vida, meus
eternos amores: Roger, Matheus,
Heitor e Otavio. Que
simplesmente são a essência da
minha vida, por eles tudo vale a
pena.*

Porto Alegre, Novembro de 2010

Sumario

Os encontros possíveis no campo da saúde coletiva

Resumo.....	4
Introdução	5
Encontro que fez a diferença.....	6
Encontro gerador de novos encontros.....	8
Historizando: Novo Caminho em Novo Tempo	12
O Protagonismo, promovendo um repensar das praticas profissionais..	17
De direção ao agenciamento/ os bastidores e seus conflitos.....	21
Preparando a saída.....	26
Considerações finais	28
Referencias Bibliografias	30

Os encontros possíveis no campo da saúde coletiva

“(...) Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida.

A gente quer comida, diversão e arte.

A gente não quer só comida.

A gente quer saída para qualquer parte.

A gente não quer só comida.

A gente quer bebida, diversão, ballet.

A gente não quer só comida.

A gente quer a vida como a vida quer. (...) “

Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido, durante o primeiro ano de Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da UFRGS, que foi desenvolvido junto a Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental de Novo Hamburgo, Novo Tempo (ANOTE). Onde procurou-se promover uma articulação mais coletiva entre os usuários da rede de saúde mental de Novo Hamburgo, assim como promover uma reflexão referente ao lugar que a participação popular ocupa no contexto da Saúde Mental e sua relação com as práticas de cuidado em saúde mental .

Palavras Chaves: Participação Popular, Saúde Mental Coletiva, Cuidado, Singularidade e Encontro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Conclusão de Curso de especialização em saúde mental coletiva tem como objetivo sistematizar conhecimentos adquiridos durante o período da Residência Multiprofissional de Saúde Mental Coletiva da UFRGS, e também, apresentar o trabalho desenvolvido junto a Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental de Novo Hamburgo, Novo Tempo (ANOTE), que procurou articular na prática os conhecimentos técnicos e teóricos trabalhados durante a residência de saúde mental coletiva .

Assim como abordar mais especificamente a temática da participação popular no campo da saúde mental coletiva. Como uma das estratégias possíveis no enfrentamento da lógica manicomial, bem como buscar o fortalecimento de uma das principais diretrizes do SUS. Nesse sentido a experiência vivida, junto a ANOTE, no campo de prática na cidade de Novo Hamburgo-RS, durante o período do segundo semestre de 2008 e do primeiro semestre de 2009, constitui elemento essencial para o aprofundamento da temática, assim como proporcionou uma horizontalidade na prática de trabalho dos residentes.

O tema está organizado e sistematizado no formato de artigo que procurou através de uma narrativa contextualizar o trabalho desenvolvido dentro de uma lógica de um processo de construção coletivo visando uma linha histórica de apresentação.

No decorrer da escrita deste trabalho procurou-se, promover reflexões referentes nossas práticas de trabalho assim como vem sendo articulado a relação equipe técnica, usuário e sociedade. Procurou-se também promover um processo de formação profissional coerente com a reforma psiquiátrica e as diretrizes e princípios do SUS.

O trabalho não pretende esgotar a riqueza da temática, mas apenas servir de laboratório para o levantamento de informações e possíveis caminhos para um posterior aprofundamento tanto a nível teórico como prático da proposta anunciada, abrindo, dessa forma promover um debate em torno do tema trabalhado, bem como motivando os profissionais do campo da saúde mental coletiva para os desafios desse novo ciclo de atuação.

Encontro que fez a diferença

Durante o mês de novembro de 2008, estávamos iniciando nossa caminhada enquanto residentes da residência multiprofissional em saúde mental coletiva da UFRGS, com muitos planos, muitos projetos, em fim muita ansiedade.

Nosso primeiro campo de prática foi o CAPSII –(O CAPS Centro) da cidade de Novo Hamburgo, iniciamos nossa aproximação com a equipe e com os usuários daquele serviço, vivenciando sua dinâmica e seu dia a dia, nesse início de caminhada fomos sentindo em cada olhar, questionamentos e expectativa em relação a nossa presença. Algumas perguntas pairavam no ar, questões que instigavam a nós residentes e aos demais que lá estavam, tais como: afinal para que estamos ali? Qual o sentido de fazer essa residência? Ou melhor, Para que e para quem fazia sentido estarmos ali? Por muitas vezes nos era cobrado respostas e também ações. Sabíamos que a equipe de certa forma tinha razão, éramos e somos profissionais e não nos cabia mais a cômoda posição da observação, era sim chegada à hora de trabalhar de fato. No entanto as dúvidas e as inseguranças permaneciam, tínhamos apenas uma certeza a de que não podíamos apenas fazer por fazer; pois o nosso fazer precisava ter sentido para nós, para a equipe e principalmente para aqueles usuários, cujos olhares refletiam todas as suas expectativas e angústias por mudanças, e com isso ficavam visíveis as potencialidades daqueles sujeitos, precisavam apenas de incentivo e confiança.

Com o passar dos dias as cobranças aumentaram, entre nós e do serviço foi então que durante uma bela tarde do mês de novembro, que impulsionados pela companhia de nossas ansiedades, resolvemos nos rebelar perante a rotina do serviço e fazer um pequeno ato revolucionário. Enchemos-nos de coragem e atravessamos a rua em direção a uma bela praça, onde estava acontecendo, uma feira de artesanatos; nada de produtos industrializados e de produções em série, cada objeto era único e a mais valia ali, era o ato revolucionário daqueles artesões um belo e organizado movimento de resistência ao capital.

Durante o nosso contato com os artesões revolucionários da praça sete de setembro, situada na Av Bento Gonçalves de Novo Hamburgo, fomos abordados por um senhor, cuja sua postura e altivez nos dizia de que se tratava de um revolucionário nato, durante a apresentação de seus caprichados produtos, nos questionou: “Vocês não são daqui?”, direto e objetivo como todo bom revolucionário, então respondemos que realmente não éramos, mas estávamos chegando para trabalhar pelo menos por um ano. Ele então disse: “ sei, no CAPS não é?”, “ São Psicólogas? Perguntamos como ele sabia então respondeu dizendo: que aquela banca era da Oficina de Geração de Renda e que ele era usuário do CAPS e por conseqüência já havia nos visto por lá, dissemos que ele estava certo, a não ser por um detalhe não éramos todos psicólogos, ele sorriu e disse que isso não mudava muita coisa. As perguntas continuaram, queria saber éramos estagiários e se trabalharíamos com eles, os usuários, explicamos que já éramos profissionais formados, e que estávamos fazendo uma residência, ou seja, uma especialização em saúde mental e que sim nosso papel ali era de estarmos junto aos usuários, perguntamos se ele tinha alguma sugestão, disse que não e que qualquer proposta de trabalho seria bem vinda, pois já estava cansado de “contar tijolos”.

Tal expressão nos chamou a atenção, perguntamos o que ele queria dizer, então foi claro e objetivo: “fico aqui na feira porque não tenho outra alternativa, não gosto de ficar lá no ambiente como os outros olhando um para o outro e quando cansamos de nos olhar, contamos os tijolos do CAPS, de vez em quando desce um técnico faz um grupo e falamos um pouco em fim, essas coisa que vocês técnicos adoram fazer, então prefiro estar aqui.”

Ficamos ali um bom tempo, encantados pela força daquele homem e a cada instante tínhamos a certeza de que aquele momento estava sendo um dos mais produtivos desde a nossa chegada. Perguntamos se ele já havia falado com alguém sobre suas percepções ele então respondeu que os técnicos éramos nós, não ele! Problematizamos que ele também era o

responsável por seu tratamento e mais tinha o direito de opinar sobre ele, neste momento ele sorri e diz que era engraçado ouvir falar em ter algum direito, pois quem deveria fazer valer esses direitos, estava dormindo, nos olhamos com curiosidade e antes que perguntássemos qualquer coisa ele nos questionou: “você já ouviram falar na associação de usuário de saúde mental que temos aqui?” Surpresos dissemos que não, e ele continuou: “pois então é disso que estou falando, a questão é seguinte somos loucos e louco não se organiza os técnicos é quem sabem e fazem por nós”, neste momento ele se vira e vai atender um cliente, tentamos continuar a conversa mas ele preferiu dar atenção para os clientes e nós resolvemos voltar ao CAPS, em uma mistura de alegria de quem está vindo de um importante encontro e um temor com a responsabilidade diante dessas informações e com tudo que elas acarretavam, todavia agora tudo fazia sentido.

Esse encontro nos proporcionou olhar para nossa prática com mais segurança, em fim nos deu um norte e com isso um belo frio na espinha, consequência de todo primeiro e importante encontro, a final segundo Teixeira, 2003, nesse momento *“Os corpos experimentam, um estado de paixão “passiva” ficando sob o domínio da imagem do outro, da impressão que ele nos causa, das afecções que ele imprime em nosso corpo”*. Por mais visceral que possa parecer, foi assim que nos sentimos afetados pela possibilidade de conhecer e mais de trabalhar com a associação de usuários de saúde mental de Novo Hamburgo e principalmente de nos articularmos com aquele revolucionário da praça; assim como encontrar outros revolucionários que pudessem estar à espera apenas de um encontro.

Encontro gerador de novos encontros

No dia seguinte fomos à procura de nosso revolucionário em questão, ficamos sabendo que naquele dia ele viria ao CAPS apenas a tarde, no desenrolar de nossas atividades do turno da manhã a ansiedade pela chegada da tarde, era grande. Assim que voltamos do almoço fomos à procura

de nosso mais novo companheiro, o encontramos sentado em uma poltrona no pátio do CAPS, saboreando seu cigarro, nos aproximamos e perguntamos se podíamos conversar um pouquinho, ele prontamente diz que sim. Relatamos a ele a curiosidade que ficamos por saber mais informações sobre a associação dos usuários e se ele poderia nos falar mais sobre ela. Com visível entusiasmo ele começa a falar, diz que, a associação é conhecida como ANOTE (Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental de Novo Hamburgo, Novo Tempo) relata também ser apenas sócio e não ter participação direta na coordenação que estava sendo presidida por uma funcionária da Oficina de Geração de Renda, mas sabia que a associação não estava mais na ativa já há algum tempo.

Falamos do nosso interesse de conhecer melhor a ANOTE e perguntamos se ele nos ajudaria, neste momento ficou visível a reciprocidade em nossos objetivos, o que Teixeira, 2003, chamaria de “*zona de comunidade*”, pois de nosso encontro gera objetivos comuns e que seguramente dali em diante daria sentido para os nossos futuros encontros, garantindo, portanto o o sentido de nossa aproximação, ou seja, o fortalecimento de nosso vínculo, Teixeira diz que:

Neste ponto, poderíamos qualificar melhor a natureza destes afetos aumentativos de potência experimentados por pelo menos dois corpos quando descobrem que mutuamente se convêm. A meu ver, são estes, justamente, os afetos que dão consistência ao vínculo. São eles que constituem esta espécie de “energia antropológica” dos laços sociais. Entendo que estes são os chamados afetos de *confiança*: são eles que dão substrato ao que chamamos de uma *relação de confiança*.
(TEIXEIRA, p.34, 2003)

Sabemos que no trabalho em saúde, não se pode sequer falar numa relação verdadeiramente terapêutica sem que haja uma relação de confiança, portanto quando falamos em articulação conjunta, projetos ou trabalhos mútuos a confiança é de vital importância, sabíamos que para construirmos tal processo, deveríamos ter clareza que não fomos nós que havíamos

descoberto a ANOTE e sim que aquele usuário havia nos dado um voto de confiança convocando-nos a participar com ele da ANOTE.

Naquele momento ficou combinado que ele procuraria a diretoria da ANOTE e falaria de nosso interesse em conhecê-los assim como conhecer a história da associação, ele empolgado com a parceria diz que logo traria retorno.

Na semana seguinte, o tão esperado retorno vem, a então presidente da associação aceita conversar conosco os residentes e também os outros profissionais que haviam acompanhavam a ANOTE desde o início, ficamos empolgados com o retorno e tratamos de organizar nossas atividades para que não houvesse, qualquer contra tempo. Chegado o dia da tão esperada reunião, fomos primeiramente procurar o nosso caro companheiro, o articulador desse momento, mas para nossa surpresa ele resolve não ir, dizendo que essa reunião era de técnicos e não de usuários, tentamos de todas as formas, convencê-lo de ir junto e nada adiantou; ressaltamos que a associação é dos usuários e que sem a presença dele este encontro poderia perder seu sentido, mas ele se manteve firme em sua decisão, resolvemos então respeitar sua posição e seu próprio tempo. Todavia ficou o indicativo de que a ANOTE, poderia de fato estar longe das questões que norteavam a realidade dos usuários e de seu cotidiano, ou seja, com pouco diálogo no campo da micropolítica das relações, espaço de sustentabilidade a qualquer tentativa de uma articulação mais coletiva, pois segundo Teixeira:

Se estas são as questões mais gerais, elas ainda se especificam num plano que pode ser dito micropolítico. Entendemos que os projetos políticos só ganham plenamente sentido quando se atualizam neste plano, que é o plano em que se realizam as formas de vida concreta das pessoas, aquele em que se forjam suas expectativas e seus valores, os quais, em última instância, conformam suas escolhas e adesões voluntárias a projetos políticos. (TEIXIRA, p. 20, 2003)

Nesse momento visualizamos o risco que pode acarretar um saber técnico sem articulação como a realidade de vida dos usuários, pois, neste

complexo campo que é a Saúde Mental, as relações no âmbito da micropolítica formam base para qualquer articulação, isso inclui nossas práticas profissionais, portanto temos que ter claro que o nosso saber técnico pode anular ou coagir diferentes saberes; saberes estes que norteiam o campo da saúde mental coletiva. Portanto quando estamos falando no *trabalho em saúde*, não estamos falando apenas no trabalho dos profissionais de saúde, mas em todo o contexto coletivo que a envolve onde as participações dos múltiplos agentes sociais contribuem de forma direta ou indiretamente, para a melhoria das condições de vida e saúde de todos os indivíduos. (Teixeira, 2001).

Precisamos neste momento chamar a atenção para importância de termos um olhar voltado à coletividade, ou seja, quando se percebe a necessidade de olhar ampliado focado ao todo é que a noção de saúde coletiva torna-se mais contundente, o que nos impulsiona a buscar mais instrumentalidade para trabalhar com esse todo; falando mais diretamente no campo da saúde mental coletiva, foi com o objetivo de buscar uma base teórica articulada com a prática que escolhemos fazer uma residência multiprofissional em saúde mental coletiva, talvez por essa razão a reação deste usuário tenha nos despertado um sinal de alerta, pois é grande desafio diante dos especialismos e dos saberes hegemônicos que norteiam esse campo. No entanto conceitos como o de Sandra Fagundes, nos proporcionam um caminho seguro em prol de nossa formação profissional assim como na busca pela efetivação de nossos projetos políticos, Fagundes nos diz que, saúde mental coletiva baseia-se em:

“ um processo construtor de sujeitos sociais, desencadeador de transformações nos modos de pensar, sentir e fazer política, ciência e gestão no cotidiano das estruturas de mediação da sociedade, extinguindo as segregações e substituindo certas práticas por outras capazes de contribuir para a criação de projetos de vida”. (Fagundes, S. 1992).

Foi com o desejo de envolver múltiplos agentes sociais não só nos discursos e sim no cotidiano que fomos para a reunião com a então diretoria da ANOTE, com a esperança de uma possível parceria entre residentes e associação envolvendo os usuários. Chegamos à reunião estavam nos

esperando à presidente da Associação, que era Oficineira, a Terapeuta Ocupacional e a Assistente Social todas fazendo parte da Oficina de Geração de Renda. Fomos recebidos de forma muito acolhedoras e após as apresentações, tratamos logo de falar sobre nosso interesse em conhecer melhor a história da associação, e prontamente fomos atendidos.

Historizando: Novo Caminho em Novo Tempo

Foi-nos relatado que, em 1997 os usuários, familiares e profissionais da saúde mental de NH fundaram a Associação Novo Caminho, sentindo a necessidade de articular-se para lutar em prol de algumas reivindicações que na época eram prioridades como: a falta de medicações e a falta de um serviço que desse conta do atendimento às crianças e adolescentes em sofrimento psíquico de NH, a partir daí surgiram inúmeras outras atividades organizadas pela associação, chás beneficentes, rifas, passeatas entre outras, deste movimento algumas conquistas foram alcançadas como: a distribuição dos medicamentos pela rede de saúde do município e o surgimento do CAPS infantil. Mas devido o afastamento de alguns membros, uns por alta do CAPS outros por mudança de endereço, houve uma grande desmobilização o que resultou em 2001 na extinção da Novo Caminho.

No entanto devido a forte herança de luta da Novo Caminho, em 2005 alguns profissionais dos serviços de saúde mental resolveram iniciar um movimento de reconstituição da associação, na esperança de fortalecer a participação dos usuários e familiares na luta por melhorias no contexto da

saúde mental, surge então a Associação Novo Tempo. Diferente do movimento anterior a associação voltou-se mais para questões da Oficina de Geração de Renda, o que se mantinha até aquele momento, que era especificamente facilitar a compra e a venda de produtos para a oficina. Em um primeiro momento talvez o fato da associação estar mais voltada para a Oficina de Geração de Renda, pode nos causar estranheza, no entanto se refletirmos um pouco mais e olharmos para o seu processo histórico, talvez percebemos um avanço no que se refere ao papel da associação, pois, a mesma passa da posição de solicitar ao poder público benefícios, que eram e são importantes sim, mas que a colocava em uma posição de quem apenas recebe, para algo mais autônomo e propositivo o de gerar renda, ainda um processo muito frágil, mas sem dúvida um avanço no que diz respeito a busca do fortalecimento da cidadania.

Quanto ao motivo de a associação estar sendo presidida por uma profissional da rede de saúde mental e não por um usuário, segundo relato da então atual gestão, foi porque não houve um processo participativo, a diretoria havia sido eleita durante uma assembléia com a indicação de quem estava presente e de quem não estava também; como por exemplo, a eleição da própria presidente que havia se ausentado da assembléia e quando retornou foi comunicada que tinha sido eleita presidente. Perguntamos como se deu então o envolvimento dos usuários no processo de rearticulação da associação e do nascimento da ANOTE, a herdeira da Novo Caminho, nos relataram que muito pouco assim como também vem sendo ao longo do tempo, os usuários pouco se envolviam com a associação. Problematizamos se um dos motivos não seria a forma com que havia sido conduzido o processo de rearticulação da ANOTE. Sabemos que a falta de um processo voltado à participação popular que visualize um amadurecimento de propostas coletivas, enfraquece consideravelmente qualquer possibilidade de uma organização política seja qual for o segmento. Elas concordam com esta possibilidade e referem terem iniciado o processo sem muito apoio e tão pouco uma base de vivências em processos democráticos e nem tão pouco em espaços políticos e participativos,

no entanto, devemos lembrar que, conseguiram fazer com que esse importante espaço coletivo que representa a associação permanecesse vivo.

Podemos dizer, ainda sobre a ótica de Teixeira, 2004, que durante a assembléia de rearticulação da associação o dialogo entre profissionais e usuários não se conseguiu estabelecer um processo que visualizassem de fato um objetivo comum, o que fragilizou de certa forma uma relação de confiança e como já citamos é primordial em qualquer processo coletivo.

A democracia só tem sentido quando é vivenciada por atores sociais articulados onde cada sujeito procura-se fortalecer em sua base coletiva, visando propostas e objetivos comuns de vida; neste sentido Teixeira, traz Maturana que define democracia como: *“uma maneira de viver de acordo com o desejo de uma coexistência dignificada na estética do respeito mútuo.” (Maturana, 1997)*.

Portanto diante destas reflexões e visando a articulação de um processo maduro e responsável constituído no cotidiano dos serviços, propomos para então diretoria da ANOTE, uma reflexão conjunta em torno do papel da associação assim como pensar em uma reestruturação de seu processo participativo, junto aos usuários, visando a apropriação destes de seu lugar de protagonismo junto a ANOTE. Os profissionais que ali estavam não só aceitaram o desafio como também, daquela reunião surgiu à necessidade de pensarmos em um plano de ação para conseguirmos, reativar a associação; muitas ideias e propostas surgiram, mas a primeira e principal delas, foi a de envolver os usuários em todo o processo, começando por resgatar a participação daqueles que estavam presentes na assembléia de reconfiguração da associação em 2005, e de claro convidar novos companheiros, como o nosso revolucionário da praça.

Após realizarmos uma verdadeira busca ativa, contando com o apoio dos usuários que freqüentavam o CAPS, marcamos um encontro para o início de dezembro e para nossa surpresa vieram mais de cinquenta pessoas entre familiares e usuários sendo na sua maioria usuários. O encontro teve o início

com a apresentação da atual diretoria da ANOTE, falamos do objetivo daquele encontro, o de reativar a associação, foi feito um resgate da história da associação, onde muitos tinham histórias para contar, muitas lembranças vieram à tona, lembranças de velhas conquistas, uma tarde de muitos encontros e de belas descobertas o que resultou alguns importantes encaminhamentos, um deles que todos pensassem em propostas que

achassem relevantes para constar no plano de reestruturação da associação e também uma agenda quinzenal, encaminhamentos estes sugeridos pelos



próprios usuários, compreendendo novamente todos que ali estavam.

Uma das assembléias da ANOTE

A partir de então a associação começa um movimento de rearticulação, convocando os usuários a associarem-se e participarem das assembléias, definiu-se dia e hora fixos (toda 2ª quinta-feira de cada mês às 14h), a fim de, organizar a participação de todos e também constituir uma rotina de encontros. Propomos que as assembléias fossem feitas fora dos CAPSs, em algum local da comunidade, então ficou definido o centro de cultura da cidade como um lugar estratégico, por ser central. Além disso, paralelamente os residentes em sua maioria durante os trabalhos em seus respectivos serviços, articulavam e amadureciam as discussões em torno da importância da participação de todos na ANOTE.

Com a retomada das assembléias definiu-se temas e metas para o ano de 2009, aproveitando a mudança da gestão municipal, reivindicações como: melhoramentos na estruturas dos serviços; passe livre para os usuários

16

de saúde mental, inauguração de mais um CAPS II na cidade, o CAPS canudos; uma sede para a ANOTE; leitos psiquiátricos no hospital geral da cidade; CAPS III; Residencial terapêutico (que beneficiasse aqueles usuários que moravam no albergue da cidade e sofriam maus tratos) e Contratação de técnicos para realizar oficinas profissionalizantes na rede de saúde mental visando à inserção dos usuários em uma profissão que desenvolva suas habilidades e compatível com o mercado do trabalho.

Durante uma assembléia os usuários decidiram que tais reivindicações fossem entregues em forma de um documento oficial da ANOTE, para o então prefeito eleito Tarcísio Zirmerman, na praça da cidade, o berço dos artesões revolucionários do início de nosso relato; tendo como dispositivo de divulgação e de manifestação, uma caminha, formalizando a entrega do documento assim como também divulgar a ANOTE; momento que a associação agilizou e fomentou uma forte organização política e coletiva entre os usuários da rede de saúde mental de NH, deve salientar que tanto o documento quanto a proposta da caminhada foram resultados das discussões e das reflexões que permearam as assembléias da ANOTE, contrariando o discurso de alguns profissionais, de que era muito difícil envolver os usuários em discussões mais políticas e coletivas.





Audiência pública na câmara de vera dores



O Protagonismo, promovendo um repensar das praticas profissionais

Com o movimento de participação e articulação dos usuários em objetivos voltados para o âmbito coletivo, os profissionais começam a repensar

muito de sua prática profissional no dia a dia dos serviços; movimento nada fácil, pois, para tal nós profissionais, precisamos nos despir de alguns de nossos conceitos teóricos, que por muitas vezes nos colocam em um patamar de poder confortável diante de nossos usuários, no entanto, no que tange a

18

saúde mental coletiva esse repensar da prática profissional é indispensável, pois para SCHNOS:

Quando se pretende operar com a categoria da cidadania, ou seja, quando o beneficiário não é mais “o pobre” e sim “o cidadão”, novas concepções sobre o conceito de cidadania são necessárias para adequá-la a essa nova situação! (SCHONS, 2003, p. 48).

Portanto a rearticulação da ANOTE, não serviu apenas para articular os usuários, mas também qualificar o atendimento destes, assim como poder promover certa autonomia no decorrer de seus planos terapêuticos; colocando profissionais e usuários em uma relação mais horizontalizada, fazendo com que estes profissionais, olhassem para as singularidades sem esquecer-se do contexto coletivo.

Para isso os profissionais tiveram que buscar diferentes formas de relacionar-se como o campo da participação popular e também procurar instrumentalidades que antes consideravam fora do contexto da saúde mental, como: estimular a participação nas assembleias do CAPS, assim como participarem em todo o processo destas assembleias, que estavam deixando de ser para falar do vale transporte e almoço apenas, começando a tratar de toda a dinâmica de atendimento do serviço. Precisaram preparar-se para responder questões como: atrasos nos atendimentos e justificá-los, levar reivindicações para as reuniões de equipe que ia desde adequações nos horários das agendas dos profissionais, como a falta de algumas atividades em grupo e até mesmo encontrar responsáveis por ter trocados objetos decorativos do CAPS, como a troca de um crucifixo que segundo denuncia de uma usuária havia sido abençoado pelo padre e deveria ficar no refeitório e não na enfermaria, a mesma exigia resposta pela troca e respeito pelo padre. Todo

esse movimento exigiu das equipes um novo olhar para com os usuários, o que para FICHER requer das equipes:

o questionamento de atitudes arraigadas e o desenvolvimento de atitudes novas. requer que as pessoas aprendam novas

19

habilidades que podem nunca terem sido necessárias no passado. A estrutura do poder se modifica, juntamente com níveis mais altos de incertezas (FICHER, 1987 p.153).

Neste caso as estruturas do poder de alguns serviços estavam sendo mexidas, com esse início de uma articulação coletiva entre os usuários, que agora estavam trocando mais informações sobre os diferentes serviços da rede de saúde mental que freqüentavam e vendo-se como parte do contexto político de toda uma cidade,

Com o passar do tempo alguns retornos do documento entregue ao prefeito surgiram, questões de infra-estrutura dos serviços foram de algumas formas acolhidas; propostas junto a câmara de vereadores, visando a liberação de cartões de passagem, do transporte público, para os usuários da rede saúde mental de NH; a inauguração do CAPS Canudos foi definida; a secretaria de saúde foi chamada algumas vezes para participar das assembleias da ANOTE convocada a dar retornos de algumas reivindicações que continuavam no documento, assim como pensar em ações possíveis de melhorias no atendimento dos usuários de saúde mental.

Surgiu então uma comissão de usuários que começaram a ocupar espaços representativos como: um representante da ANOTE para participar das reuniões do Departamento de Saúde Mental (DSM). Além disso quando necessário algum representante da ANOTE freqüentava as assembleias dos serviços fomentando o interesse de mais usuários e familiares a participarem das assembleias assim como fortalecer a entrada de novos associados.

Já no início de 2009 surgiu a necessidade de participarem de outra grande movimentação: a semana da Luta Anti-manicomial, onde outra vez a ANOTE foi fundamental, além de patrocinar a vinda de atrações culturais, envolveu-se na organização e na divulgação da mesma. Com representantes

falando em programas de radio e compondo a mesa da audiência publica na câmara de vereadores da cidade. Como resultado dessas ultimas articulações a ANOTE encontrou outros parceiros, como: associação de diabéticos e dos portadores de deficiência física e o que resultou em uma bela parceria de luta,

20

acabando por conquistarem o que consideramos a maior das conquistas até aqui, uma cadeira no conselho municipal de saúde, no entanto tal conquista inspirava um trabalho de base mais fortalecido.

Portanto, desenvolver ações que visem fortalecer entre os usuários a participação popular exige de nossa prática profissional uma atitude coerente com os preceitos da reforma psiquiátrica; para tanto se faz necessário um constante repensar de nossa pratica, para assim romper de fato com o processo de segregação e infantilização humana oriunda da lógica manicomial. Afinal não estamos apenas lutando pelo fim dos manicômios, mas pela ruptura de uma lógica de submissão e controle entre usuário e profissional, isso não significa negar limitações, mas ter claro que essas limitações em nenhum momento transformam estes sujeitos em incapazes. Portanto precisamos sempre lembrar que a saúde mental coletiva é um campo que necessita de muitos saberes tanto teóricos quanto populares, para assim de fato trabalharmos em prol de uma reforma psiquiátrica de fato, lamamoto nos fala que:

Nessa mesma sociedade, com o perfil supra assinalado, existem outras forças sócio-políticas presentes, as quais podemos nos unir, como profissionais e cidadãos. Forças essas que vem lutando pela defesa dos direitos sociais conquistados e sua ampliação, pela crescente participação dos usuários e das organizações da sociedade civil na gestão dos serviços públicos (IAMAMOTO, 2005, p.162).

Ou seja, a inserção da ANOTE como membro de representação no conselho municipal de saúde de Novo Hamburgo configura uma grande conquista dos usuários e profissionais da rede de saúde mental. Pois trata-se de um espaço legítimo de controle social onde sem a participação dos usuários e mais sem a sua apropriação destes, de nada vale enquanto espaço

democrático, correndo o risco de ser mais um espaço de segregação e de exclusão.

Esse cenário mais político o de controle social mais propriamente dito, não é de forma alguma um campo fácil ou tranquilo de estar, estamos diante

21

de um cenário muitas vezes perturbador, permeado de tensões políticas e de interesses pessoais, adentrar neste contexto requer uma certa segurança e autonomia, além de ter claro de qual é o objetivo de estar ali, essas não são questões fáceis e requerem um bom trabalho de base com cada um dos sujeitos envolvidos.

De direção ao agenciamento/ os bastidores e seus conflitos

Neste momento foi fundamental todo o trabalho desenvolvido nos bastidores, tanto com os usuários que estavam mais diretamente envolvidos com a ANOTE, quanto com aqueles que estavam se aproximando aos poucos, fomentando um trabalho voltado a uma perspectiva mais individualizada observando potencialidades e fragilidades de cada sujeito assim como valorizando o saber de cada um, dentro de um processo singularizado visando um amadurecimento mais autônomo e participativo.

Logo que iniciamos o trabalho com a associação sabíamos da importância de um trabalho de base responsável e comprometido, respeitando cada usuário dentro de sua realidade de vida. Então iniciamos com encontros semanais de acompanhamento, em alguns momentos em grupo em outros mais individualmente, não com o intuito terapêutico propriamente dito, mas de constituir um espaço de escuta e troca, trabalhando suas ansiedades, expectativas e frustrações, fortalecendo sua inserção social e política. Os encontros do grupo tinham uma frequência fixa de sete usuários, variando algumas poucas vezes para mais ou para menos, não pretendemos neste momento relatar ou detalhar esses encontros, apenas citar e situar um forte trabalho de base que foi desenvolvido com cada sujeito em sua coletividade.

Pois entendemos o processo de participação popular como algo vivencial, ou seja, construído e fortalecido dia a dia, e não apenas encontros ou movimentos populares de grande visibilidade, com pouca articulação com seu contexto comunitário.

22

Portanto, para que de fato a conquista da cadeira no Conselho de Saúde não tornar-se traumático ou mais um espaço de exclusão desses usuários, foi necessário para além de passeatas e caminhadas, era necessário que estes sujeitos experimenta-se em seu cotidiano os sobre saltos que qualquer articulação coletiva pode acarretar, Gohn nos fala que a participação popular deve ser:

um processo de vivência que imprime sentido e significado a um grupo ou movimento social, tornando-o protagonista de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora, agregando força sociopolítica a esse grupo ou ação coletiva, e gerando novos valores e uma cultura política nova (GOHN, 2005, p.30).

No entanto esses movimentos demandam pensar na complexidade do campo da saúde mental, afinal, estamos falando de um campo que notoriamente é lugar do não lugar, é o campo das fragilidades das incertezas. Como fortalecer a participação popular e o controle social entre usuários que estão embrenhados neste maranhado de conceitos teóricos, que muitas vezes apenas os rotulam. Sabemos que precisamos resguardar a peculiaridade da subjetividade sem perder de vista o sofrimento psíquico e a dificuldade de trânsito desses sujeitos pela via pública e coletiva. No entanto isso não significa que nossas ações devam nortear-se pelos seus sofrimentos psíquicos, afinal, trabalhamos com sujeitos e não com patologias. Para tanto o nosso papel enquanto profissional, é de extrema relevância, todavia, precisamos romper com o discurso do coitadinho e do fragilizado sem anular ou minimizar os impactos de seu sofrimento psíquico na sua vida cotidiana, os encontros semanais tinham essa intencionalidade o de romper com os rótulos

desses sujeitos que os reduzem a suas patologias e assim como também ter o cuidado de não dissolvê-los no campo político.

Falamos, portanto, através de um contexto de transição de paradigmas de atenção em saúde mental em um impulso rebelde de inconformismo, que cada um de nós possui em graus diferentes; Precisamos constantemente realizar um exercício de conscientização, o que traz como

23

desafio para o campo de saúde mental hoje, *“refazer-se por inteiro, ampliando o seu foco de abordagem e procurando romper com as delimitações dos saberes tradicionais na área, buscando uma composição...e, que, portanto não seja apenas um novo somatório ou rearranjo simples dos antigos saberes parcializados”*. (Vasconcelos, 2008 p.43).

Portanto pensar em participação popular e saúde mental é um belo e importante desafio e além de uma grande oportunidade de repensar toda uma prática avaliando seus avanços e deslizes no caminho percorrido. Pois assim como o campo da participação popular é um importante articulador de cidadania ele pode se tornar um forte produtor de exclusão e de domínio de alguns, pois aqueles que não conseguem se colocar podem se afastar ou apenas ceder, para os que utilizam esse espaço para ganho próprio. Ou seja, quando propomos para o usuário de saúde mental adentrar neste espaço e este aceita, temos que observar o quanto estamos fazendo ou falando por ele e ao mesmo tempo o quanto o estamos deixando a revelia; neste momento precisamos ter clareza de qual é o nosso papel em quanto cuidador, aproximando-se quando necessário e até mesmo intervindo, assim como em alguns momentos nos colocarmos como meros espectadores.

Dimenstein (2007, p.38), nos fala que o controle social é visto principalmente no âmbito da macropolítica; no entanto percebe-se que este está especialmente centrado na produção de subjetividade ou de uma micropolítica implicando em “acompanhar movimentos invisíveis, não de sujeitos, de pessoas, mas de “operações estratégicas do desejo na matéria não formada das intensidades”. (Rolnik, 1989.p.61)”;

Também segundo Dimenstein (2007),

Pensar , portanto, a partir de uma lógica dos afetos que instaura uma relação dos sujeitos com o mundo é voltar-se para um sujeito coletivo, para uma rede de intensidades em que cada participante é um elo entre as potências, uma rede em que a afetação dos corpos será resistência às capturas e à sujeição.

24

Neste sentido também vemos a participação popular como um importante aspecto no âmbito do cuidado em saúde mental ou vice versa, trabalhando cada individuo a fim de propor um pensar coletivo. Portanto, pensamos que trabalhar em uma linha mais política e coletiva, fortalecendo o movimento do controle social, uma das principais diretrizes do SUS, em nem um momento é negar ou anular o indivíduo, mas sim trabalhar o sujeito dentro de sua coletividade seguindo a lógica de cuidado ampliado, pois Pinheiros refere que:

“Quando nos reportamos a noção de cuidado, não a apreendemos como um nível de atenção do sistema de saúde ou como um procedimento técnico simplificado, mas como uma ação integral, que tem significados e sentidos voltados para a compreensão de saúde como o direito do ser. É o tratar, o respeitar, o acolher, o atender o ser humano em seu sofrimento, em grande medida fruto de sua fragilidade social.” (2008, p.23)

Com o trabalho junto a ANOTE podemos sentir concretizar-se o sentido do termo ação integral, nos levando pensar saúde mais do que meros procedimentos mas ampliar nosso olhar para o âmbito dos direitos sociais compreendendo nossos usuários como cidadãos, com historias e posturas diferentes diante a vida.

Reverendo a historia recente da ANOTE em um período de um ano houve muitos avanços como: a comunicação entre os usuários foi ampliada e qualificada, pois, encontraram objetivos comuns, perceberam que sua luta era a mesma, assembléias tornaram-se periódicas, reuniões com autoridades municipais, como: a secretaria de saúde de NH, vereadores e até mesmo com o prefeito eleito; aconteceram atividades mais ampliadas como passeatas, entrevistas para jornais locais, rádios locais, audiência publica na câmara dos vereadores, articulação com demais associação e a conquista da cadeira no

conselho municipal de saúde; conquistas que para muitos geraram satisfação e potencial crítico, para outros gerou sofrimento e ansiedade, em ambos os casos precisávamos estar atentos e dar sustentabilidade e apoio a quem necessitasse.

Podemos citar a desistência de um dos usuários que por ter muita dificuldade de lidar com momentos de tensões, optou por se afastar dos trabalhos da associação, este era membro da diretoria. Solicitou em dos

25

momentos dos encontros semanais um espaço para falar individualmente sobre seus anseios referentes à associação, o que ocorria quinzenalmente. O grupo por sua vez apoiou, seu companheiro, o acolheu e entendeu sua necessidade de se afastar, mas ao mesmo tempo não desistiu dele, o mantinham sempre informado do desenrolar dos encontros e atividades da ANOTE, foi quando na semana da luta anti-manicomial ele retorna e retoma sua participação, tornando-se mais tarde peça chave nos preparativos para a participação da ANOTE na conferência municipal, que aconteceria nos dias 25 e 26 de Setembro de 2009. Neste caso além do acompanhamento individual o apoio do grupo foi primordial demonstrando toda a maturidade que o grupo havia alcançado.

Outro importante fato refere-se ao conflito entre um dos usuários mais participativos, com o restante do grupo, esse usuário era um dos mais articulados, buscava informação fora do grupo, procurou ler a lei da reforma psiquiátrica, trazia textos sobre participação popular e controle social, em fim buscava estar sempre instrumentalizado. No entanto isso fazia com que pensasse ser mais “capaz” que os demais, demonstrava dificuldade em ouvir seus companheiros, indo trocar apenas com os técnicos, demonstrando uma grande resistência de trabalhar em grupo e também uma certa dificuldade de lidar o poder, que seu conhecimento proporcionava, perante os seus companheiros, dificultando a percepção dos diferentes saberes que permeavam o processo do grupo. Em muitas vezes deixava claro que na próxima gestão da ANOTE, deveria ocupar a presidência da associação. Todavia os demais não compartilhavam da mesma opinião o que causou-lhe

uma certa revolta colocando os encontros e associação em xeque. Este momento de tensão surge questões bem individuais, mas que incidu diretamente na organização coletiva do grupo, trazendo a tona aspectos como: relação de poder, visão coletiva, trabalho em equipe, convívio com o diferente, jogos de ego, limitações, potencialidades, competitividade, cumplicidade enfim aspectos que permeiam o cotidiano saudável de qualquer ser humano que não esta inserido em uma lógica de submissão, controle ou tutela e sim dentro de um processo de conflitos de idéias em busca sua cidadania.

26

Este momento marca um importante passo da ANOTE em busca de seu amadurecimento político, procuramos trabalhar todos os aspectos citados acima, trazendo -os para discussão com o grupo; trabalhando a importância de encarar os conflitos e ter claro o importante papel destes para qualquer relação e que a harmonia nem sempre significa bem estar ou qualidade de trabalho. Trabalhamos a importância de cada indivíduo para grupo, a final a articulação coletiva é o resultado do trabalho de cada individuo e sua singularidade para assim compor uma sociedade com equidade e justiça. Por fim conseguiram visualizar que não era apenas aquele grupo que definiria a nova diretoria e muito menos era essa a pretensão de nossos encontros e sim estimular autonomia assim como uma capacidade critica de defender e buscar a garantia de direitos sociais, fazendo ou não parte a associação. Além de claro articular um processo participativo organizado, onde propostas de trabalho e projetos coletivos, iram conflitar no campo das idéias, para então a nova diretoria ser definida por todo um coletivo.

Os conflitos não se encerram ali, o que em nossa avaliação foi muito positivo, afinal não estávamos procurando harmonia total, pois o processo de conflitos de ideias é o motor de qualquer movimento que vise ampliar a participação popular. No entanto eles compreenderam que o lugar de conflitar ideias era durante as assembléias da ANOTE, convocando a todos para participarem.

Preparando a saída

Exatamente nesse momento de conflito estava chegando o fim da permanência dos residentes em NH, o que para nós foi algo de muita tensão, era difícil deixar o trabalho que conseguimos articular junto aos usuários, ainda mais em um ponto tão crítico; mas ao mesmo tempo sabíamos que este momento de partida era necessário, pois o trabalho da associação não era nosso e sim desses sujeitos e da cidade, e muito menos cabia a nós a resolução de tais conflitos.

27

Durante os meses de Junho, Julho e Agosto de 2009, procuramos potencializar ainda mais o processo de autonomia da ANOTE visando também trabalhar nosso afastamento, usamos como dispositivo as pré-conferências de saúde e a inserção da ANOTE nas mesmas, espaços que pouco participamos de corpo presente fazendo com os usuários ocupassem esse papel, procuramos amadurecer e articular propostas para a conferência municipal de saúde que aconteceria dia 25 e 26 de Setembro de 2009, este momento era dos usuários, dos cidadãos e nossa presença ou a falta dela não deveria fazer muita diferença na articulação da ANOTE, afinal nosso trabalho de intervenção era muito anterior ao momento da conferência, ali nós éramos espectadores e eles os protagonistas. Um momento no mínimo paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que sabemos da necessidade e da importância da retirada tínhamos medo das consequências e do risco que este momento poderia acarretar; como se fossemos indispensáveis ou infalíveis, colocando em xeque a linha de nossos próprios discursos e a intencionalidade de nosso trabalho, o de romper com a linha tênue que separa o cuidado e a tutela.

Diante disso nos despidimos de nossa arrogância de residentes “salvadores” e contamos com o que foi plantado, sabíamos que o trabalho poderia sim enfraquecer, mas isso não cabia a nós e sim a aos responsáveis de fato os usuários, nossa intenção não o de nos desresponsabilizarmos, mas o de valorizar o processo que a associação tomaria dali em diante fosse ele qual fosse.

Sabemos que hoje um ano após nossa saída de Novo Hamburgo a associação voltou a trabalhar as questões mais específicas da Oficina de Geração de Renda, as assembléias diminuíram, no entanto além de resultar neste artigo, acreditamos que tanto os usuários quanto os profissionais sabem da potencialidade que tem nas mãos e com isso talvez mesmo suas ações por mais simples que pareçam tenham mais sustentabilidade social e política, além de também proporcionar para aqueles sujeitos que se envolveram direta ou indiretamente um processo mais autônomo onde não só o usuário consiga falar mas o cidadão.

28

Considerações finais

Quando é chegado o momento escrever o Trabalho de Conclusão de Curso, não basta ir a busca informações inerentes ao assunto, não se pode enxergá-lo como um recorte isolado do processo de formação. Pois a residência Multidisciplinar em Saúde Mental Coletiva mais especificamente da UFRGS, através da articulação de diferentes saberes visa proporcionar o acesso de informações e dados essenciais na busca de uma formação profissional com base sólida, no entanto o acesso a dados e informação por si só não é suficiente, é preciso aplicá-los na prática, para assim construir um conhecimento profissional propriamente dito. Portando para a formação profissional é importante agregar informações e saberes de diferentes aspectos apresentados pela academia, no entanto para que os mesmos se transformem em conhecimentos é necessário ter a capacidade de aplicá-los na prática, para assim dar vida a toda formação profissional, formando um processo de formação profissional coerente com a realidade de nossa sociedade e os preceitos do SUS e da reforma psiquiátrica.

O processo de desenvolvimento da intervenção no campo de prática, e a sistematização teórica de questões sociais vivenciadas nestes campos nos proporcionou descobertas, que além de abrir caminhos e possibilidades para fortalecer habilidades desenvolvidas na academia, buscam uma análise preliminar das informações necessárias para a elaboração da intervenção

profissional, bem como abre caminhos para se pensar em articulações voltadas ao âmbito mais coletivo e participativo, criando espaços de reflexões e trocas de experiências, onde todos os tipos de saberes pudessem ser valorizados no processo de gestão das instituições, tornando assim os profissionais da área da saúde mental coletiva, articuladores e mediadores desses espaços.

Fica evidente que durante a história da saúde mental, nem sempre conceitos como participação popular, articulações coletivas ou controle social puderam se quer ser abordado o papel do profissional em saúde mental era em sua maioria o de controlador, onde suas ações eram movidas pela contensão e exclusão social dentro de uma lógica manicomial que visava fortalecer o

29

sistema capitalista, seu individualismo e suas regras baseadas em moralismos segregadores, condicionando os usuários a um processo fragmentado e totalitário, sem nenhum espaço para o desenvolvimento da capacidade intelectual humana, dentro do sistema taylorista/fordista. Período que o poder era aplicado de forma vertical, ocupando lugar no topo, e supervalorizando um tipo de saber, que ditava as ordens e determinava o que estava certo ou errado.

No entanto ainda hoje no campo da saúde mental coletiva, diante da potencia da reforma psiquiatria visualizamos e sofremos na pratica o impacto da hegemonia de um saber, seja ele qual for.

O trabalho desenvolvido pelos residentes junto a ANOTE, vem proporcionar uma reflexão diante do risco que acarreta qualquer super valorização de um determinado saber técnico, alem de deixar claro que o processo de participação popular no campo da saúde menta pode sim gerar bons frutos desde que, articulado e trabalhado de forma horizontalizada respeitando e valorizando toda forma de saber, seja ele técnico ou não.

Nos coloca diante também uma grande questão a atenção que devemos ter com linha tênue entre a tutela e o cuidado, pois em muitas vezes infantilizamos nossos usuários em nome de um cuidado técnico e os condenamos a ficar aprisionado a seu diagnostico como se ele por si só falasse pelo o usuário.

Tais questões nos levaram a desenvolver o trabalho junto à associação de usuários de Novo Hamburgo e com isso alem de fortalecer nossa formação

enquanto profissionais da saúde mental coletiva, proporcionou uma reflexão tanto das equipes quanto dos usuários e de seus familiares sobre a capacidade de cada um e suas responsabilidades diante da sociedade onde cada sujeito é um cidadão.

Desenvolver, portanto, o trabalho junto a ANOTE requisitou de nós, residentes, uma vontade muito grande de fazer a diferença na residência e não apenas desenvolver projetos muitas vezes mais agradáveis aos olhos de alguns e menos conflitantes ou polêmicos, para cumprir calendário ou protocolos, mas sim algo que pudesse fazer diferença para aqueles que de fato temos um compromisso ético e político os usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dimenstein, M “ **O psicólogo nas Unidades Básicas de Saúde: desafios para a formação e atuação profissionais**”. *Estudos de Psicologia*, 3 (1), 53-81, 1998.

Fagundes, Sandra , S. 1992 Visto durante a aula de políticas públicas.

FLEURY, Maria Teresa Leme; FISCHER. Rosa Maria. **Processo de Relações de Trabalho no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 1992.

GOHN, Maria da Glória. **O Protagonismo da Sociedade Civil: Movimentos Sociais, ONGs e Redes Solidárias**. v.123. São Paulo: Cortez, 2005.

IAMAMOTO, M.V. **O Serviço Social na contemporaneidade: Trabalho e Formação Profissional**. 11.ed. São Paulo. Cortez, 2007.

MATTOS, R.A.; PINHEIRO R. **CUIDADO as fronteiras da integralidade**. 3ªed. Rio de Janeiro. CEPES/UFRJ, ABRASCO, 2006.

Schons, Selma Maria. **Assistência social entre a ordem e a “dês-ordem”: mistificação dos direitos sociais e da cidadania**. 2ed. São Paulo. Cortez, 2003.

Teixeira RR 2001. **Agenciamentos tecnosemiológicos e produção de subjetividade: contribuição para o debate sobre a trans-formação do sujeito na saúde**. *Ciência e Saúde Coletiva*, 6(1): 49-61.

Teixeira RR 2003. **Acolhimento num serviço de saúde entendido como uma rede de conversações**. In Pinheiro R e Mattos RA (org.) **Construção da Integralidade – cotidiano, saberes e práticas em saúde**. IMS-UERJ/ABRASCO, Rio de Janeiro; p.49-61.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Saúde Mental e Serviço Social: O desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade**. 4ª Ed. São Paulo, Cortez, 2008.